

## O EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL: NOVAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PENSAMENTO E OS MOVIMENTOS DE ESQUERDA<sup>1</sup>

HILSENBECK FILHO, Alexander Maximilian\*; CABRAL, Fátima Aparecida\*\*.

\* Pós-graduando em Ciências Sociais – Unesp – FFC – Marília.

\*\* Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. do Depto de Sociologia e Antropologia – DSA – Unesp – FFC – Marília.

**RESUMO:** O Exército Zapatista de Libertação Nacional, movimento social composto por camponeses de diversas etnias indígenas, irrompe em 1º de Janeiro de 1994 no estado de Chiapas, México. Ele surge se contrapondo à corrente filosófica que preconizava o triunfo do capitalismo neoliberal e o inexorável fim da história, além de pregar o fim das insurreições armadas e a forma de governo baseada na democracia parlamentar como o único palco para a resolução dos conflitos sociais, eliminando qualquer perspectiva revolucionária de mudança social. Pode-se constatar, através da bibliografia de referência e de pesquisa na internet, que o EZLN se diferencia das clássicas guerrilhas dos anos 60 e 70, de orientação marxista, tanto pelos seus objetivos como pelas suas estratégias, uma vez que não visa a tomada de poder, respeita a prática política indígena baseada numa democracia direta e utiliza-se dos avanços tecnológicos dos meios de comunicação, com vistas a realizar um conflito comunicativo e midiático. O EZLN contribui com sua *práxis*, para o debate em torno da luta social, trazendo novas questões e questionando tradições enrustidas no seio da esquerda mundial.

**PALAVRAS-CHAVES:** zapatista, marxismo, guerrilha.

**INTRODUÇÃO:** Após o declínio do “socialismo real”, simbolizado pelo fim da U.R.S.S, uma corrente filosófica passou a ganhar bastante notoriedade. Ela alardeava o triunfo do capitalismo em sua forma neoliberal e um inexorável “fim da história”, pois se considerava que o “Homo Economicus” pacificaria o planeta, que o desaparecimento de um adversário significaria o fim da adversidade e que os conflitos subsistentes não passariam de vestígios do passado. Essas ideologias estavam, em grande parte, carregadas de um exacerbado entusiasmo pelas possibilidades de “mudanças libertadoras” que poderia trazer o “livre mercado”.

Para ANDERSON (2003), a nova configuração das relações internacionais, com o fim da guerra fria e, portanto, da divisão do mundo em dois grandes blocos, significou uma reconfiguração inteiramente nova no mundo, pois “Pela primeira vez na história o capitalismo se proclama como tal, numa ideologia que anuncia a chegada de um ponto final no desenvolvimento social com a construção de uma ordem ideal baseada nos mercados livres,

---

<sup>1</sup> Área temática da extensão: Cultura

Área de conhecimento do CNPq: Ciências Humanas.

além da qual qualquer aperfeiçoamento substancial seria inimaginável” (ANDERSON, 2003, p. 87). Para esse autor, o neoliberalismo, ou o capitalismo em sua forma neoliberal, conseguiu atender amplamente as duas exigências gramscianas da fórmula da ordem hegemônica: consentimento e coerção, ou seja, uniu a força do convencimento ideológico com a repressão militar, tendo-se como resultado o fato de que “Hoje já não existe alternativa a ele [capitalismo], sob a forma de sistemas de governo de alcance planetário. Estamos vendo a ideologia política mais bem sucedida da história” (ANDERSON, 2003, p. 90).

Desta forma, a mercantilização das relações sociais e dos valores eliminaria qualquer perspectiva utópica de mudança social, deixando como legado para o século XXI a desilusão e a perda da esperança. Nesse momento de *crise da esquerda*, em que houve um refluxo nos movimentos de esquerda em todo o mundo, aconteceram desdobramentos importantes no campo do debate intelectual sobre os possíveis caminhos dos movimentos sociais e da emancipação humana, influenciando, assim, as análises e métodos adotados pelas ciências sociais, além das conseqüências diretas para os diversos movimentos sociais no globo.

Neste contexto mundial, numa época em que supostamente as Revoluções haviam terminado e em que foi considerada como falida a lógica da *guerra de guerrilhas* (sobretudo na América Latina) irrompeu, no 1º dia de 1994, no sudeste mexicano, no pobre estado de Chiapas, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), composto em sua grande maioria por camponeses indígenas de diversas etnias. Sem dúvida, o momento histórico escolhido para a insurreição do EZLN deu a esse movimento um caráter de novidade e também denotou um significado anti-imperialista à luta zapatista – afinal, a data do levante foi também de entrada em vigor do Tratado de Livre Comércio da América do Norte, acordo comercial que tinha como objetivo “elevar” o México ao “1º mundo”. O EZLN foi, nessa conjuntura, considerado por Montalbán como “[...] a proposta de um novo espelho para que o México não se visse na imagem distorcida de uma falsa modernidade. De certo modo, também era o rosto real do mundo, do fracasso da oferta neoliberal” (MONTÁLBAN, 2002, p. 43), que também não foi capaz de oferecer as prometidas diminuições nas desigualdades sociais. Ao contrário, nos últimos vinte anos apenas aumentou o abismo entre a grande maioria que nada tem e uma reduzidíssima minoria que detêm o poder econômico e político, resultando na gradativa perda da crença no sistema democrático (burguês) de governo, primordialmente na América Latina (CHOMSKY, 2002).

**MATERIAL E MÉTODO:** Temos realizado amplo levantamento e organização de material referente aos comunicados dos próprios zapatistas, textos, artigos e livros de intelectuais que versam sobre o tema e a situação mexicana, além de pesquisas na Internet. Temos nos valido

de textos da política e sociologia marxista e da esquerda de uma forma mais ampla. Busca-se uma apreensão dialética entre o material teórico (onde se procurou resgatar as influências históricas) e os condicionamentos do movimento zapatista, bem como definir seus limites, contradições e avanços em relação às experiências realizadas pelos movimentos de esquerda tradicionais.

**RESULTADOS:** Analisamos a prática zapatista – na qual está implícita uma concepção de mundo e a correspondente estratégia para sua transformação – contrapondo-a às experiências passadas dos movimentos de esquerda, de modo a apreender alguns elementos de possíveis avanços para a luta e organização da esquerda, como, por exemplo, sua ligação orgânica com as comunidades indígenas - estratégia que visa superar o risco de cooptação da guerrilha pelo *establishment*. Ao mesmo tempo, alguns conceitos utilizados pelo EZLN nos pareceram um tanto problemáticos, por sua falta de rigorosidade teórica e extrema fluidez, como o conceito de “sociedade civil” que da maneira como é utilizado apenas relega ao Estado a parcela “ruim” da política (local da corrupção e degeneração pública) enquanto que a “sociedade civil” – questiona-se se também fariam parte dessa sociedade os latifundiários, paramilitares etc. – representa a parte “boa” e “pura” da política. Se faz necessário esclarecer melhor a utilização de tais conceitos dentro da política zapatista.

**DISCUSSÃO:** O EZLN surge trazendo diversos elementos que o diferenciam das clássicas abordagens, estratégias e objetivos das guerrilhas latino-americanas dos anos 60 e 70, e mesmo de uma tradição das lutas da esquerda, sobretudo das que se baseavam na teoria marxista-leninista. Isso se deve à mescla, ao sincretismo ocorrido entre duas visões diferentes de mundo (o marxismo-leninista e a indígena-maia); assim, o EZLN é fruto deste amálgama<sup>2</sup>.

Esses elementos, em seu conjunto - alguns novos, outros resgatados da tradição da esquerda pelo EZLN - colocam entre os círculos intelectuais e grupos organizados da “sociedade civil”, a necessidade de uma interpretação rigorosa destes fenômenos.

Reconhecidamente, os zapatistas reintroduziram “[...] na rarefeita atmosfera acadêmica dos anos 1990 [...] a problemática dos sujeitos e do conflito social [...]” (BORON, 2003, p. 205) e também “[...] introduzi[ram] uma inovação radical nas concepções teóricas da

---

<sup>2</sup> E como afirma o subcomandante Marcos (porta voz do EZLN), “Nós chegamos à selva como uma clássica elite revolucionária em busca desse sujeito, o proletariado, no caso da revolução marxista-leninista. Mas essa proposta inicial entrou em choque com as propostas das comunidades indígenas, que têm outro substrato, uma complexa pré-história de emergências e insubmissões. Nós modificamos nossa proposta interativamente. O EZLN não nasce de propostas urbanas, mas tampouco de propostas vindas exclusivamente das comunidades indígenas. Nasce dessa mescla, desse coquetel molotov, desse choque que produz um novo discurso” (Marcos apud MONTÁLBAN 2002, p. 42).

esquerda, trazendo um sopro de frescor sobre dogmas engessados ou atribuições pragmáticas disfarçadas de sisudas categorias analíticas” (BORON, 2003, p. 207).

Um grande diferencial dos zapatistas é que eles utilizam os avanços tecnológicos dos meios de comunicação em sua estratégia e forma de fazer política, para provocar um conflito comunicativo e midiático “[...] que supera as categorias políticas tradicionais, abrangendo o nível cultural e a concepção da sociedade de forma geral” (DI FELICE & MUÑOZ, 1998, p. 20), através de intervenções político midiáticas<sup>3</sup>, publicação dos comunicados em jornais, na internet, entre outras formas. Tais intervenções não se restringem só a Chiapas ou ao México, mas abrangem o mundo inteiro, conseguindo ultrapassar os limites geográficos de sua ação política, alcançando o local, o nacional e o global. Dessa experiência se derivou uma característica, em certa medida bastante justa, atribuída por diversos autores ao zapatismo: a de serem o primeiro movimento de *guerrilha informacional* (DI FELICE & MUÑOZ, 1998). Porém, acreditamos que essa peculiaridade ou inovação implementada pelos zapatistas tem levado a interpretações um tanto exageradas, que substitui a relação material da guerrilha por uma relação estratégica fetichizada do EZLN. Em outros termos, passou-se a minimizar e mesmo a esquecer a luta armada, real, travada pelo EZLN nas montanhas de Chiapas, substituindo-a por uma guerra puramente informacional e comunicativa, conforme se pode apreender dos escritos de CASTELLS (2000). Nos parece que a *guerrilha informacional* é mais uma, entre outras táticas da ampla estratégia do EZLN, pois, em nenhum momento o movimento abandonou a expressão armada.

Uma outra característica dos zapatistas é o fato de não visarem à tomada do poder, mas sim construí-lo em conjunto com toda a sociedade (através de ONG’S, movimentos populares e mesmo cada indivíduo, graças ao avanço tecnológico dos meios de comunicação, realizando diversos tipos de consultas). Na verdade, o que os zapatistas defendem é uma clara recusa à forma de política enfocada no poder Estadocêntrico; desse modo, eles se deslocam do paradigma que entendia a conquista do poder estatal como condição *sine qua non* para uma mudança radical da sociedade – paradigma esse que em certa medida norteou o pensamento e os movimentos de esquerda por mais de um século<sup>4</sup> - em direção a um posicionamento

---

<sup>3</sup> Os zapatistas realizam diversas intervenções político midiáticas, com o intuito de conquistar o “coração e a mente” das pessoas do todo mundo, dando assim visibilidade à sua luta e seus ideais, transformando-se em agentes políticos reconhecidos e com os quais há a “necessidade do diálogo” por parte do governo federal.

<sup>4</sup> De uma ou outra forma, a questão da necessidade de tomada do poder do Estado esteve presente nas teorias da esquerda, principalmente com o marxismo. Porém, se faz necessário esclarecermos algumas diferenciações de posições, para não cairmos em uma homogeneização infértil que apenas traria retrocesso a esse debate. Lênin (1985), em suas obras, realizou uma distinção clara entre “a tomada do poder” do Estado por um lado, e a real “concretização da revolução” por outro, sendo então a tomada do aparelho estatal um aspecto que levava à concretização da revolução. Posteriormente, Gramsci (1968) colocou a necessidade das forças insurgentes serem os dirigentes – intelectuais e moralmente – de uma ampla camada da sociedade, antes da conquista do poder político propriamente dito. Em qualquer um dos casos, sempre esteve presente a questão da dominação política,

antipoder, isto é, à convicção da necessidade – e da possibilidade – de um “poder-fazer” social sem, para tanto, tomar o controle do Estado, resumido no lema “mandar obedecendo”, procurando objetivar a sociedade como real protagonista social.

Inspirado na luta zapatista, HOLLOWAY (2003) aponta o Estado como um produto intrinsecamente capitalista e uma forma de relação que faz parte da totalidade das relações sociais capitalistas. Para ele, após as experiências históricas do último século, se pode dizer que em nenhum caso se conseguiu criar uma sociedade livre através do Estado, e que não se pode modificar a sociedade radicalmente através dele. O Estado é visto como uma forma especificamente capitalista, não sendo capaz de matizar, de ir contra os efeitos desta ordem social: ele é uma forma de (re)impor a reprodução do capital, seja em um governo de esquerda ou de direita; ele canaliza as lutas sociais em certas formas que implicam a reconciliação com a dominação e reprodução do capital. Também de acordo com esse autor, o “partido”, tanto de vanguarda como parlamentar, é um reflexo da “ilusão estatal”, que tem como enfoque central a orientação para o Estado - situação predominante nas formas de organização de esquerda, como na URSS, China, guerrilhas e movimentos de libertação nacional dos anos 60 e 70-, relegando a um papel secundário todas as outras formas de luta que não visavam esse poder.

Essas estratégias que recusam a tomada do poder suscitam, invariavelmente, dúvidas quanto à sua capacidade imperativa, frente à força avassaladora do “metabolismo do capital” (MÉSZÁROS, 2002). Há uma desconfiança generalizada entre grande parte da esquerda mais ortodoxa, de que tal estratégia não consiga fazer avançar a luta para além de formas particulares e pontuais no que se refere à mudança social e à maneira de enfrentar a aguda racionalidade instrumental da sociedade capitalista. Para BORON (2003), a estrutura capitalista acentua crescentemente o papel do Estado como organizador e perpetuador das condições de dominação dos capitalistas e, conseqüentemente, de desorganizador do restante da sociedade, portanto é através do Estado que se transformam os interesses em leis, e assim, cria-se um aparato institucional que garante a estabilidade dos interesses da classe dominante; desta forma, apesar da grande importância de uma vitória no plano da sociedade civil, para o autor elas são limitadas, pois carecem de efeitos imperativos.

**CONCLUSÃO:** Exatamente pelo amplo e ambíguo debate suscitado pelo zapatismo e sua *teoria política* (objetivado em sua influência em diversos movimentos sociais no mundo), se faz necessário que não evitemos a discussão acerca de suas táticas e estratégias, para que possamos analisar quais suas reais contribuições para seu objetivo de “construir um mundo

---

isto é, a tomada do poder do Estado como um dos elementos para a concretização da revolução. E o que o EZLN levanta é a necessidade de se abandonar a perspectiva do Estado como um instrumento válido para a revolução.

novo” e dessa forma caminhar para um mundo onde impere a “Democracia, Liberdade e Justiça”, como conclamam os zapatistas. Assim, o movimento zapatista traz à tona diversas questões – por vezes polêmicas e contraditórias - que merecem a atenção dos intelectuais dentro e fora do México.

O movimento zapatista quer diretamente, com seus comunicados e atuações, quer indiretamente, através de diversos intelectuais, recolocou e questionou (em seus 10 anos de aparecimento público e 20 de existência), diversas linhas centrais do pensamento político da esquerda. É evidente que não pretendemos esgotar, ou explorar mais extensamente aqui esse assunto, mas apontar alguns elementos que demonstrem a fertilidade de tal práxis, não apenas para as ciências humanas, mas para as lutas de esquerda de uma forma geral.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ANDERSON, Perry. Idéias e ação política na mudança histórica. *Margem Esquerda: ensaios marxistas*. nº 01. São Paulo: Boitempo, 2003.
- BORON, Atilio A. *Filosofia Política Marxista*. São Paulo: Cortez, 2003.
- CASTELLS, Manuel. A outra face da terra: movimentos sociais contra a nova ordem global. *A Era da informação: Economia, sociedade e cultura*, vol. 2 O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, p. 93-140, 2000.
- CHOMSKY, Noam. *O Lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e ordem global*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 3ª ed. 2002.
- DI FELICE, M. & BRIGE, M. F. (Org.). *Votán-Zapata: A marcha indígena e a sublevação temporária*. São Paulo: Xamã, 2002.
- \_\_\_\_\_ & MUÑOZ, C. (Org.). *A revolução invencível – Subcomandante Marcos e Exército Zapatista de Libertação Nacional – Cartas e Comunicados*. São Paulo: Boitempo, 1998.
- GRAMSCI, A. *Maquiavel – A política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- HOLLOWAY, John. *Mudar o mundo sem tomar o poder*. São Paulo: Viramundo, nov. 2003.
- LENIN, V. I. *Obras completas*. Moscou: Ed. Progresso, 1985.
- MÉSZÁROS, István, *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MONTÁLBAN, Vasquez. Na clareira da revolução. In: OLIVEIRA, A. U.; ARELLANO, A. B. (Org.). *Chiapas: Construindo a esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 39 – 46.